A : ÁGUIA :

ORGÃO : DA RENASCENÇA : PORTUGUESA :

12

100 rs.

A ÁGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

Directores:
Teixeira de Pascoaes e
Antônio Carneiro.
Secretário da redacção, editor e administrador
Álvaro Pinto.

Correspondentes:
Paris — Philéas Lebesgue.
Salamanca — Miguel de Unamuno.
Barcelona — Ribera y Rovira.
Baía — Almáquio Diniz.

PROPRIEDADE DA "RENASCENÇA PORTUGUESA"

SUMÁRIO DO N.º 12 (2.ª série) — Dezembro de 1912.

LITERATURA — Ainda o Saudosismo e a "Renascença" — *Teixeira de Pascoaes.* Cartas inéditas, XII) — *Camilo Castelo Branco.* A Nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico (conclusão) — *Fernando Pessôa.* A prosa de Camilo — *Antero de Figueiredo.* Diálogo — *Veiga Simões* — A casa antiga — Versos de *Candida Aires de Magalhães.* Destino (conclusão) — *Vila-Moura.* Á Esperança — Versos de *Carlos Maul.* ARTE. *Maquette* da estátua a Camilo (três aspectos) — *Teixeira Lopes.* Vinhetas de *Cervantes de Haro.* Capa de *Correia Dias.* SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL — Nova Teoria do Sacrifício, I) *José Teixeira Rego* — BIBLIOGRAFIA. *Teixeira de Pascoaes.*

PREÇOS *(Pagamento adeantado)*

	Avulso	Semestre	Ano
Portugal . . .	100 rs.	500 rs.	1$000 rs.
África e Índia .	120 rs.	600 rs.	1$200 rs.
Espanha . . .	60 ct.	3 pesetas	6 pesetas
Estrangeiro . .	60 ct.	3 francos	6 francos.
Brasil	500 rs. fr.	3$000 rs.	6$000 rs.

PREÇO *dos anúncios*
(por publicação)

	Na capa	Além do texto
1 página .	4$000 rs.	3$000 rs.
1/2 " .	2$200 rs.	1$600 rs.
1/4 " .	1$200 rs.	900 rs.

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância. A cobrança é á custa do assinante.)

DEPOSITÁRIOS — No Pôrto — Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Carmelitas. Em Coimbra, F. França & Armenio Amado. Em Lisboa — Livraria Ferreira; Rua Aurea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Baía e Santos; na África, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques; na Índia, em Nova Gôa.

Redacção e administração — R. Elias Garcia, 12, Pôrto.
Tipografia — Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Pôrto.

Toda a colaboração é solicitada.
Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretário da redacção.

Ainda o Saudosismo e a «Renascença»

A Antonio Sergio

O **artigo** que publiquei no penultimo n.º da "Aguia", dedicado a dois socios dissidentes da "Renascença Portuguesa" (Antonio Sergio e Raul Proença) deu origem a uma carta do primeiro, que me foi enviada de Londres, na qual o ilustre escritôr contesta, em generosos e delicadissimos têrmos, o *Saudosismo* que, obscura mas sinceramente, tenho apregoado.

O valor da carta e do seu autôr, que eu muito admiro e estimo, levam-me a responder-lhe nas paginas da "Aguia".

Antonio Sergio é um amigo inteligente que discorda, e não creatura indelicada e raivosa estupidamente agredindo.

Para estes o meu silencio de absoluto desprêso, que eu devêra sempre ter guardado, mas para homens como Antonio Sergio, tão raros entre nós infelizmente, vae toda a minha admiração e respeito, e com eles as minhas palavras defendendo o que penso e o que sinto.

A dissidencia de Antonio Sergio tem duas causas. A primeira resulta de ele imaginar que o *Saudosismo* é uma ideia minha por mim imposta á "Renascença"; a segunda resulta da sua não concordancia com a interpretação que dei á *Saudade.*

Tratemos já d'esta causa.

No meu ligeiro estudo ácerca da *Saudade,* alma da alma portuguesa, servi-me dos seguintes processos para atingir a sua plena revelação:

1.º Analise psicologica do vocabulo e de outros que lhe são proximos parentes;

2.º Analise de algumas definições de Saudade, sobretudo a de Duarte Nunes de Leão;

3.º Estudo do temperamento dos escritores mais representativos da Raça, como Camões, Camillo e Nobre, e da poesia popular;

4.º Estudo do caracter religioso do povo português e da actual geração poetica.

Depois d'este ligeiro trabalho que apresentei a publico, sob o titulo "O Espirito Lusitano ou o Saudosismo" — trabalho que ando a desenvolver, *conclui que a Saudade, como sintese do espiritualismo christão e do naturalismo pagão, por isso que ela contem em si o Desejo e a Dôr, a Esperança e a Lembrança, — esperança incidindo sobre o passado, lembrança incidindo sobre o futuro, — é o proprio espirito lusitano na sua expressão mais intima, profunda e original.*

E conclui tambem que o nosso Povo, nascido do casamento do sangue semita com o aria, creando a *Saudade viva,* tornou-se espiritualmente autonomo, e concebeu a *ideia-sentimento,* fonte da nova e verdadeira Renascença, pois a renascença italiana, de que Goethe, Wagner e Nietzche são descendentes, é obra individual de

alguns artistas de genio; e não realisou a fusão perfeita e viva do Paganismo com o Cristianismo, dado o caracter exclusivamente pagão dos italianos.

Em Portugal essa fusão, isto é, a ideia-mãe da Nova Renascença, fez-se na alma da Raça, é a propria alma do Povo, e, por isso, eternamente viva e creadora.

É certo qne só a moderna geração poetica revelou plenamente esta verdade, porque o espirito lusitano tem sido guerreado desde seculos por todos os meios—religiosos, literarios, artisticos e politicos, e porque chegou, emfim, o momento da sua completa revelação, como signal da nova obra que Portugal terá de realisar...

As cousas de Portugal (e todas têm grande valor, como dizia Gil Vicente) apenas encontraram até ha poucos annos, a mais absoluta indiferença por parte dos portugueses, ingenuamente espantados com o que se passa em Paris de França, e na crença infantil de que o gramofone concorreu mais para a luz do mundo do que as estrofes de Camões, e que a luz electrica tem mais poder iluminante do que a lanterna de Diogenes...

Eis a razão porque a *Saudade* tem vivido ignorada ou apenas superficialmente conhecida. Quem ler com olhos de vêr as cantigas populares, as obras dos nossos maiores escritores, e entre elas as de Duarte Nunes de Leão e do rei D. Duarte; quem estudar a paisagem portuguesa, os costumes, a linguagem e as lendas do Povo,—verá que a *Saudade*, como a mais alta e larga expressão da nossa alma, é conforme eu a interpretei na minha conferencia sobre o "Espirito Lusitano ou o Saudosismo".

O *Saudosismo* não é creação: é revelação.

E quem o revelou foi D. N. de Leão nos tempos antigos. Eu não fiz mais do que explicá-lo, e os poetas modernos vão-lhe esculpindo todas as formas, até agora apenas esboçadas ou delidas pelo esquecimento.

Por isso, eu tenho afirmado e continuarei sempre a afirmar que o movimento da Renascença portuguesa, se faz e fará dentro da *Saudade revelada*, a qual se ergue á altura d'uma Religião, d'uma Filosofia e d'uma Politica, portanto. Dentro d'ela, Portugal, sem deixar de ser Portugal, poderá realisar os maiores progressos de qualquer naturêsa. Eis o que nós pretendemos. Fóra do seu caracter, o nosso Povo nada fará de belo e duradouro. Ai, dos povos que negam a sua alma e a sua tradição, e as desprezam e não querem procurar n'elas as novas energias creadôras! São povos condenados irremediavelmente á morte.

A ideia de Patria não é contraria á justiça social ou á Fraternidade. Se assim fôsse, tambem a ideia de Individuo prejudicaria a ancia de perfeição moral que anima as almas modernas.

Uma Patria é uma Individualidade. O que se quer é a Harmonia ligando os individuos, ou sejam homens ou nações.

Vejamos agora a segunda causa, já em parte explicada.

O *Saudosismo* não é uma creação do meu espirito, sem realidade fóra de mim. Nem é tão pouco imposto por mim á "*Renas-*

cença Portuguesa„, composta de individuos de caracter autonomo e inconfundivel, embora muitos d'eles concordem comigo, pela razão exposta de que o Saudosismo não é a minha pessoa, mas a alma da Raça Portuguesa.

A' nossa Sociedade serão bem vindos todos os homens de bôa fé e bôa vontade. A "Aguia„ receberá todas as opiniões, porque tudo o que fôr pensamento sincero e sentimento vivo servirá a causa que nós servimos.

De resto, a "Aguia„ nunca publicou artigos da "Renascença„; mas somente artigos individuaes e assinados.

A ideia que encerrar alguma verdade, viverá, e as ideias inanimadas desaparecerão, por fim.

Já vê o meu ilustre camarada que nada o pode separar da "Renascença„, a qual espera ainda o seu vigoroso esforço e a sua bela inteligencia.

Lastimo faltar-me o espaço, e não me referir mais demoradamente á sua carta que tanto me penhorou pela nobreza de caracter que revela—nobreza que eu admiro quasi religiosamente emquanto os odios, as injurias e as calunias batem á minha porta.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CARTAS INÉDITAS

XII

Meu presado amigo (1)

Estou de posse do estimavel livro. Agradeço-o a V. Ex.ª e á delicadeza do Ex.mo Figanier.

No genero antigalhas estou concluindo um volume intitulado Cavar em ruinas. *Vou-me deixando dominar do valor das velharias. Receio muito que a final me converta no primeiro estafador destes reinos, e que a minha imaginação se reduza a engenhar um romance á volta d'um fuste ou cipo, sujado pelas analyses do Soromenho, javardo que tem vindo ao Minho afocinhar lapides pela mesma razão que os porcos as não respeitam. Veja V. Ex.ª que paiz! Um sabio, encarregado de levar ao repêzo os perzuntos sonegados ao fisco, levantado a galarim de Antiguario!*

Engulhado destes e que taes nojos, sumi-me nestes matagaes e d'aqui lhe envio um abraço e o sincero protesto da minha estima, amizade e admiração.

Agosto. 28, 1866

Castello B.co

(1) Pertence o original a Luiz Derouet. Ignora-se o destinatario.

A Nova Poesia Portugueza no seu aspecto Psychologico

(Conclusão)

VI

Na classificação dos systemas philosophicos temos a considerar duas cousas: a constituição do espirito e os fins a que tende na sua actividade metaphysica.

O espirito humano, por sua propria natureza de duplamente — interiormente e exteriormente — percipiente, nunca pode pensar senão em termos de um dualismo qualquér; mesmo que se esforce por chegar, e até certo ponto chegue, a uma concepção altamente monistica, dentro d'essa concepção monistica ha um dualismo. Mesmo que dos dois elementos constitutivos da Experiencia — materia e espirito — se negue a realidade a um, não se lhe nega a existencia *como irrealidade, como apparencia* — o que transforma o dualismo espirito-materia em dualismo realidade-apparencia; mas realidade-apparencia é, para o espirito, um dualismo.

O genero de dualismo, porém, depende de, é condicionado por, o que se considera a Realidade Absoluta, a realidade realmente real; e é a procura d'essa realidade que é o fim da especulação metaphysica. O espirito não pode admittir *duas* realidades: a idéa de realidade absoluta involve a idéa de unidade. Mesmo, portanto, que o espirito admitta, como em alguns systemas — e flagrantemente no espiritualismo classico — acontece, dois principios com egual objectividade reaes, é forçado a admittir que o genero de realidade de um d'esses principios é superior ao da do outro.

Temos, pois, que todo o systema philosophico involve um dualismo e um monismo. A constituição do espirito impõe-lhe, por mais que elle lhe queira fugir, que pense dualisticamente; a noção de realidade obriga-o a pensar monisticamente. O espirito não pode construir um systema pura- e integralmente monistico; e um systema puramente dualistico não seria um systema philosophico.

Todo o systema philosophico sendo, portanto, a tentativa para reduzir a um monismo o dualismo essencial do nosso espirito, é de subentender que represente uma systematisação de elementos da Experiencia em torno áquella parte da Experiencia — materia ou espirito — que o philosopho, por causas que, em sua essencia, são de temperamento, considera a Realidade. Temos, pois, que, consoante para o philosopho o espirito ou a materia se apresenta como a realidade essencial, um de dois systemas pode directamente surgir — o espiritualismo ou o materialismo. — Para o materialista a fórma essencial de realidade, seja ella especialisadamente qual fôr no seu especial systema, é sempre uma realidade de que forma parte inalienavelmente um elemento ou *espacial*, ou, pelo menos, de *inconsciencia*. — Para o espiritualista, atravez das varias formas que pode tomar o espiritualismo, ha sempre de central e essencial um elemento, o elemento *consciencia*, que é o que o espirito immediatamente concebe como sua base propria. D'aqui partem todas as theorias caracteristicas do espiritualismo — a immortalidade da alma (concebida impossibilidade de annular a consciencia), o livre-arbitrio (concebida superioridade do consciente sobre o inconsciente) e a existencia de um Deus clara- ou obscuramente tido como pessoal, isto é, como *consciente.*

A ideação metaphysica pode, porém, tentar monismo de outro modo mais queridamente absoluto. Não ha, é certo, outros elementos da Experiencia que não a materia e o espirito; o pensamento, porém, de certo modo tenta supprimir este

dualismo. E de trez modos o pode fazer: 1.º Negando *toda* a realidade objectiva a um dos elementos da Experiencia, isto é (consoante já *passim* vimos), reduzindo o dualismo ao minimamente dualistico (ainda que impossivelmente de todo monistico) dualismo de realidade-apparencia. Conforme é o espirito ou a materia o elemento *eliminado*, temos o materialismo absoluto ou o espiritualismo absoluto. — 2.º Admittindo a realidade *egual* de *ambos* os elementos da Experiencia; ora como isto resulta n'um absurdo de systema — dado que a existencia de *duas, eguaes*, realidades é impensavel —, fatalmente essa dupla realidade tira o seu caracter de realidade de ser, basilarmente, a dupla manifestação de qualquér cousa em sua essencia tida por nem materia nem espirito, ainda que sómente existente e real n'aquellas suas manifestações. Se essa substancia as transcendesse, isto é, fosse outra cousa, existisse substancialmente àparte da sua manifestação atravez de materia e espirito, estariamos então peorados para trez realidades. — 3.º Negando a realidade a ambos elementos da Experiencia, considerando-os apenas como a manifestação, não *real* mas *illusoria*, de uma transcendente e verdadeira e só realidade. — Temos assim, além dos citados materialismo e espiritualismo absolutos, no segundo systema citado o pantheismo, e no terceiro o transcendentalismo.

O leitor reparou que no primeiro genero de systemas acima expostos ha duas fórmas — uma materialista, outra espiritualista. O mesmo acontece ao pantheismo e ao transcendentalismo. É que, por mais que abstractamente ideêmos, realmente não temos outros modelos por onde idear senão espirito e materia. Mesmo portanto que concebâmos um Transcendente, inconscientemente e involuntariamente o teremos de conceber como feito á imagem da matéria ou á semelhança do espirito. Assim temos um pantheismo materialista e um pantheismo espiritualista. O primeiro — o de Spinoza — é o que enterra o que Spinoza, não se sabe porquê, chama Deus, nos seus attributos. Estes são como que o corpo de Deus; mas para além d'esse corpo Deus não é nada. É só o corpo de si proprio. Vê-se que o modelo é materialista; tanto quanto um pantheismo pode ser materialista, é-o o systema de Spinoza. — O pantheismo espiritualista admitte Deus substancia de tudo, mas permanecendo Deus e diverso atravez da sua manifestação por seus attributos. Faça-se uma distincção subtil, que tem de ser subtilmente comprehendida: para o pantheista materialista tudo é Deus; para o pantheista espiritualista Deus é tudo. Se houvesse sido pensado coherentemente, e despidamente de influencias de estreita theologia, teria sido este o systema de Malebranche.

Com o transcendentalismo acontece o mesmo. Importa fixar bem a differença entre o pantheismo e o transcendentalismo, tanto mais que estabelecemos nós estes termos independentemente de como tenham sido usados antes, assim como, de resto, fazemos esta classificação de modo absolutamente original. — Para o pantheista de qualquér das duas especies, materia e espirito são manifestações *reaes* de Deus, exista elle (pantheismo espiritualista) ou não (pantheismo materialista) como Deus além das suas duas manifestações. Para o transcendentalista, materia e espirito são manifestações *irreaes* de Deus, ou, antes, para não errarmos, do Transcendente, o Transcendente manifestando-se como a illusão, o sonho de si proprio. — Dos transcendentalistas, para o transcendentalista materialista (Schopenhauer), a essencia real, de que as cousas são a illusão, é qualquér cousa vaga cujo caracter essencial é ser *inconsciente;* ora, como a consciencia é a base dos systemas espiritualistas, temos aqui um systema que, apesar de transcendentalista, o é anti-espiritualista- , isto é, materialisticamente. — É excusado definir o transcendentalismo espiritualista, que representa a hypothese contraria.

Um outro systema pode, porém, surgir, limite e cúpula da metaphysica. Supponha-se que a um transcendentalista qualquér esta objecção se faz: O Apparente (materia e espirito) é para vós *irreal,* é uma manifestação irreal do Real. Como, porém, pode o Real manifestar-se irrealmente? Para que o irreal seja irreal é preciso que seja real: potranto o Apparente é uma *realidade irreal,* ou uma *irrealidade real* — uma contradicção realisada. O Transcendente pois é e não é ao mesmo tempo, existe àparte e não-àparte da sua manifestação, é real e não-real n'essa manifestação.—Vê-se que este systema é, não o materialismo nem o espiritualismo, mas sim o pantheismo, transcendentalisado; chamemos-lhe pois o *transcendentalismo pantheista.* Ha d'elle um exemplo unico e eterno. É essa cathedral do pensamento — a philosophia de Hegel.

O transcendentalismo pantheista involve e transcende todos os systemas:

materia e espirito são para elle reaes e irreaes ao mesmo tempo, Deus e não-Deus essencialmente. Tão verdade é dizer que a materia e o espirito existem como que não existem, porque existem e não existem ao mesmo tempo. A suprema verdade que se pode dizer de uma cousa é que ella é e não é ao mesmo tempo. Por isso, pois, que a essencia do universo é a contradicção — a irrealisação do Real, que é a mesma cousa que a realisação do Irreal —, uma affirmação é tanto mais verdadeira quanto maior contradicção involve. Dizer que a materia é material e o espirito espiritual não é falso; mas é mais verdade dizer que a materia é espiritual e o espirito material. E assim, complexa- e indefinidamente...

Se um pouco nos alongámos na exposição do transcendentalismo pantheista, breve se verá que tinhamos razões para isso. De resto, o leitor que tenha bem em mente a orientação do nosso raciocinio e os caracteristicos, ainda que superficialmente lembrados, da nossa nova poesia, deve já suspeitar a que vem esta menos breve exposição no meio de umas breves considerações.

VII

Ao passar á analyse da philosophia dos dois grandes periodos literarios da Europa e prescrutação de qual a linha evolutiva d'essa philosophia, importa, antes de tudo, distinguir entre a "philosophia„ *pensamento* individual e a "philosophia„ *sentimento* poetico. — Tanto a philosophia do philosopho como a do poeta são questões de temperamento, mas ao passo que o temperamento do philosopho é intellectual, o do poeta é emocional; ora o que é intellectual é essencialmente *individual*, e o que é emocional é essencialmente *collectivo* e, portanto, quando se dá n'um individuo, representativo da collectividade a que elle pertence. É portanto a philosophia do poeta, e não a do philosopho, que representa a alma da raça a que elle pertence. Encarada a questão sob outro ponto de vista, isto ainda mais nitidamente se percebe. Na obra de philosophia a forma nada vale: a idéa é tudo. Na obra de poesia a idéa e a fórma estão ligadas n'uma dupla unidade, unidade *imaginativa*, isto é, unidade que vém da fusão da emoção e da idéa que em sua essencia é o acto de *imaginar*. Ora a imaginação depende da organisação dos sentidos do individuo: um visual imagina de modo inteiramente diverso que um auditivo, um individuo de intensa vida interior e pouca attenção ao mundo externo, de modo differente de ambos. De que depende a organisação dos sentidos? Sem duvida alguma, da hereditariedade. E a hereditariedade o que é que mais transmite e grava? Os caracteristicos de raça. O acto de imaginar é o que, pois, em linha directa descende da alma da raça. E como o mais alto grau de imaginar é o do poeta, é na poesia que vamos buscar a alma da raça, e na philosophia d'essa poesia aquillo a que se pode chamar a philosophia da raça. — O espaço não permitte que nitidamente, ou mais argumentadamente, se exponha este problema. Para o nosso limitado caso, o pouco que aqui se expoz deve bastar.

Consideremos pois qual a philosophia do primeiro grande periodo poetico da Europa — a Renascença. Constata-se sem difficuldade qual ella seja. É o espiritualismo puro e simples, em uma ou outra das suas duas fórmas. Occorrerá perguntar: mas não foi a Renascença inimiga do espiritualismo? Do da edade-media foi, mas esse era um espiritualismo inferior. Da fórma catholica e aristotelica foi inimiga a Renascença; mas foi para ser mais e mais puramente espiritualista, foi para se lançar no maior espiritualismo da Reforma e de Platão. Platonista foi, de resto, toda a poesia lyrica de algum valor da Renascença. É uma das provas, a mais flagrante.

Como vimos, o espiritualismo é o systema que tem seu centro de realidade na *consciencia:* logicamente, em seu temperamento, um espiritualista é um homem que dá attenção superiormente á vida interior e inferiormente á vida exterior. Toda a poesia da Renascença é de suppôr portanto que gire sobre assumptos *humanos* e não da Natureza. Assim é: o que de supremo tem a poesia da Renascença é a poesia épica — isto é, de acção humana —, e a poesia dramatica (Renascença ingleza, culminando em Shakespeare), de acção humana mais essencialmente ainda. Com isto, fica tirada a prova real.

No Romantismo surge-nos immediatamente o contrario. Cessa, a não ser em

arremêdo debil de influencias da Renascença, a poesia épica e dramatica; nasce a verdadeira poesia da Natureza, e apparece um novo genero de poesia amorosa. É commum a ambas um caracteristico basilar: perante a Natureza ou perante o amor, o individuo commove-se até perder a individualidade, *entrèga-se*. Mas não se entrega como (no caso da poesia religiosa e amorosa, não da da Natureza) por vezes o poeta na Renascença fazia, por humildade; aqui, no Romantismo, entrega-se *para viver uma vida mais ampla*. Ora o individuo não se entrega—e menos então se entrega *para viver*—a qualquér cousa exterior que não considere como *real*. Temos pois, em ultima analyse, que o romantico representativo se sente parte de uma Natureza real, ainda que espiritualmente real. Estamos em pleno sentimento pantheista. Com effeito, desde o pantheismo materialista de Goethe ao pantheismo espiritualista de Shelley, o romantismo nada é senão pantheismo.

Posto isto, ficamos sabendo quaes as "philosophias„ da Renascença e do Romantismo, e, vendo qual a linha evolutiva da philosophia da poesia européa, qual, portanto, a evolução da alma da civilisação da Europa. Evolue—o que de resto se podia ter concluido à priori, mas foi melhor que d'outro modo se concluisse—do mais simples para o mais complexo; parte do espiritualismo e avança até ao pantheismo, e d'ahi, inevitavelmente, subirá para a complexidade maxima do transcendentalismo, até chegar ao limite, o transcendentalismo pantheista.

Por que caracteristicos, por assim dizer, exteriores se pode conhecer o sentimento transcendentalista? Nas duas fórmas menos complexas do transcendentalismo, o materialista e o espiritualista, o individuo sente-se, como o pantheista, parte de um Todo, mas com a diferença que, para elle, esse Todo é sentido como irreal, como illusorio. Decorre d'aqui que o poeta transcendentalista (materialista ou espiritualista) fatalmente será um poeta pessimista. Mesmo que, transcendentalista espiritualista, conceba como vagamente espiritual o Transcendente, esse Transcendente, por sua propria, concebida, natureza, é sentido como Mysterio; e mesmo onde levanta abate.—Percorrendo todo o Romantismo não encontramos este sentimento; apenas, em Alfred de Vigny, e nos seus descendentes, já post-romanticos, ha um vago arremêdo d'elle. Mas, ao attentar bem nos caracteristicos que deduzimos como devendo ser os da poesia transcendentalista, revela-se-nos immediatamente que estamos em Portugal e em plena descripção da poesia de Anthero. Concluimos, pois, que especiaes condições de raça fazem do sentimento transcendentalista apanagio de Portugal. Se o transcendentalismo, sob fórma de emoção, começou entre nós, entre nós deve continuar. Vejamos pois se a sua forma mais alta e complexa, o transcendentalismo pantheista, foi, acaso, attingida já.

Não é preciso mais do que attentar na mera *expressão* da nossa nova poesia para nos encontrarmos em pleno transcendentalismo pantheista. Logo no vestibulo da investigação nos apparece a caracteristica *contradicção* d'este systema. "Materialisação do espirito„ e "espiritualisação da materia„, "choupos d'alma„, quedas que são ascensões, folhas que tombam que são almas que sobem—não é preciso mais, repetimos. Eis, em seu pleno estado emotivo, o transcendentalismo pantheista. Quanto mais se analysa, mais claramente isto se revela. Para os nossos novos poetas, uma pedra é, ao mesmo tempo, realmente uma pedra, e realmente um espirito, isto é, irrealmente uma pedra... Mas para que continuar? A evidencia de certas provas, quando o fica provado traz comsigo tudo em que puzemos a nossa esperança e a nossa fé, embriaga de alegria para além de se poder ficar com a lucidez intacta e o poder- de- exprimir em equilibrio.

E quaes são, emfim, as conclusões ultimas de quanto n'este artigo expuzémos? São aquellas em que atravez de todos os nossos artigos temos insistido. Se a alma portugueza, representada pelos seus poetas, encarna n'este momento a alma recemnada da futura civilisação européa, é que essa futura civilização européa será uma civilização lusitana. Primeiro, porém, consoante todas as analogias nol-o impõem, a alma portugueza attingirá em poesia o grau corespondente á altura a que em philosophia já está erguida. Deve estar para muito breve portanto o apparecimento do poeta supremo da nossa raça, e, ousando tirar a verdadeira conclusão que se nos impõe, pelos argumentos que já o leitor viu, o poeta supremo da Europa, de todos os tempos. É um arrojo dizer isto? Mas o raciocinio assim o quér.

VIII

Feito assim o esboço psychologico da nossa actual poesia no que respeita á sua esthetica e á sua metaphysica, resta concluir approximadamente qual deva ser a resultante *social* das forças da Raça cujo primeiro assomo á tona da realidade ora e apenas se está fazendo, n'essa, citada, poesia. Melhor dizendo, qual será a creação social a que vae chegar a alma da Raça, por emquanto no seu inicio de despertar e revelada apenas, por isso, na fórma directamente espiritual, a literatura?

Só muito informemente, por razões que já expusémos, essa creação social. em seu genero e especialidade, é antevisivel. Mas se é antevisivel de algum modo e até certo ponto, de que modo e até que ponto o é? — Determinada a metaphysica da nova corrente, queda revelado definidamente, em sua essencia ultima e central, o que essa corrente espiritualmente é e representa. Vimos que essa corrente se traduz por um metaphysismo claramente definivel como transcendentalismo pantheista: resta saber o que dá o transcendentalismo pantheista *posto em tendencia social*. D'aqui não resultará claramente definida qual essa creação social — como ficar definida ao raciocinio se ainda se não definiu nas almas? — mas resultará ficar attingida na sua physionomia longinqua.

Sendo o transcendentalismo pantheista um systema essencialmente envolvedor de uma fusão de elementos absolutamente oppostos, segue-se que a creação resultante da nova alma lusitana deverá envolver, em seu resultado definitivo e ultimo, o estabelecimento de qualquér nova formula social onde uma fusão d'essas se dê. Uma rapida analyse, aqui eliminada, determina facilmente que o raciocínio permitte prophetisar que a futura creação social da Raça portugueza será qualquér cousa que seja ao mesmo tempo religiosa e politica, ao mesmo tempo democratica e aristocratica, ao mesmo tempo ligada á actual formula da civilisação e a outra cousa nova. Inutil será apontar quão flagrantemente esta deducção vaga e precisa decorre da constatação já feita sobre o caracter fundamental, metaphysicamente patente, de alma lusitana. Egualmente inutil deve ser notar quanto essa futura formula deve distar do christianismo, e especialmente do catholicismo, em materia religiosa; da democracia moderna, em todas as suas formas, em materia politica; do commercialismo e materialismo radicaes na vida moderna, em materia civilizacional geral. E, finalmente, é da mesma inutilidade acrescentar, accentuando e especialisando a sua divergencia da democracia, que as formas extremas ou perturbadas d'esta — anarchismo, socialismo, etc. — serão varridas para fóra da realidade, mesmo do sonho nacional; os humanitarismos morrerão ante essa nova formula social, de portugueza origem, mais alta, provavelmente, em sentimento religioso do que outra qualquér que tenha havido, mais rude e cruel talvez em pratica social do que o mais rude militarismo commercialista. Console-nos isto desde já, no meio de vêr, de leste a oeste de Portugal, a nossa subhumanidade politica e a nossa proletariagem humanitariante. Tudo isso, que afinal é estrangeiro, morrerá de per si, ou á bocca dos canhões do nosso Cromwell futuro.

E a nossa grande Raça partirá em busca de uma India nova, que não existe no espaço, em naus que são construidas "d'aquillo de que os sonhos são feitos". E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremêdo, realisar-se-ha divinamente [1].

Fernando Pessoa.

[1] Por inutil para as conclusões sociologicas que unicamente buscamos n'esta serie de artigos, abandonamos a intenção de fazer o estudo exclusivamente literario da nova corrente poetica portugueza, estudo esse promettido no principio d'este artigo. Ninguem perde com isso.

MAQUETTE DA ESTÁTUA A CAMILO

(De Teixeira Lopes)

A PROSA DE CAMILO

A principio, seu estilo, já rico, tem a sincera émfase dos afectos que serve e o precipitado andamento da paixão que não escolhe palavras. Na fase do romance histórico, a mão que folheia, com vagar, os velhos documentos, folheia também os duros livros de prosa antiga e os intumescidos léxicos portugueses—guardiões da língua na tradição da estructura e dos termos; e tal é o assombro ante a abundância aí encontrada, que o escritor, aturdido, enterra néla as mãos e, ás braçadas, atira para os livros essa fartura de vocabulário, não sem que, nos impetos do entusiásmo, consiga esconder a preocupação de passar para os seus romances êsse erário de palavras e de sinonímias empilhadas nas altas colunas dos arcaicos glossários. Mas vem, finalmente, um periodo em que, desaparecendo todos os excessos e guardados todos os equilibrios, a prosa do mestre atinge na maxima força a maxima variedade e elegância.

Aí, nêsse retiro de S. Miguel de Seide, entram-lhe pelas janelas da sua sala de trabalho, na onda de vozes várias—no pregão das peixeiras, na gíria dos almocreves, na bulha de palavras e peguilhos de frases entre mulherio desbocado—entram-lhe pela janela os plebeismos grosseiros e caem-lhe nas páginas de prosa clássica em que o escritôr gasta seus olhos esmiolando, por entre periodos seguidos de leal insipidez, perdidos vocábulos de preciosa evidência, ou polido dizer de frade artista. Ficam-lhe nos ouvidos os plebeismos e nos olhos os arcaismos; e a vivacidade de uns e o culteranismo de outros casa-os seu bom-gosto servindo sua prosa; e com tal arte que éla nem fica bafienta das expressões obsoletas que enchem êsses in-folios, nem charra do calão ouvido aos desordeiros das feiras minhotas, que, á luz apurpurada dos alevantes impulsivos, cospem nas mãos surradas e arrancam contra magotes inimigos, floreando no ar o lodam varredor! Pelo contrário, tem sabor vernáculo sua prosa enastrada de plebeismos e de neologismos adrede compostos, e sacudidos requebros ultra-modernos certos periodos tauxiados de palavras em desuso. A's vezes, para marcar irrequietos aspectos da vida de hoje, serve-se das palavras mortas dos livros traçados; outras, é com termos e tregeitos de linguagem falada, ouvido á última recoveira, que êle movimenta e ergue deante dos nossos olhos, em pé e vivas, essas góticas figuras da lenda antiga, antes emaranhadas nos elzevires dos nobiliários e das cronicas fastientas. E, repito, de nenhuma maneira sua prosa fica ronceira ou presumida, mas sempre poderosamente expressiva e marcadamente individual.

Nas suas mãos, os termos emfáticos, tratados com urbanidade, parecem naturaes; os asperos amaciam-se na tonalidade bem achada dos que os cercam; os obsoletos perdem rigidez; os vulgares ga-

nham respeito; e foliam entre si, amaveis e tolerantes, as sisudas palavras eruditas com o gaiato tagarelar do povo folgazão. Averba substantivos; latiniza plebeismos; luzitaniza provincialismos; e na áncia de agitar expressões marasmadas, de tornar rútilas as esmaecidas e ducteis as agrestes, desarticula prefixos, muda desinências, divorcia particulas verbalmente casadas, inventa onomatopeias reflectidoras do som das vozes significadas, e reforça e acelera com prepositivas verbos que lhe parecem retardados de movimento; emfim, cria e compõe vocábulos e estructuras sempre que precisa de realizar enérgicas expressões de vida, repuxadas pelo seu convulso temperamento de artista exhuberante. E em todo este massiço de palavras—artisticamente equilibrado nos seus matizes metálicos, nos largos ritmos em que as frases se ageitam, nas flexuosidades da sintaxe livre—em todo este massiço de palavras não ha um desvio de simpatia por termo exótico ou construcção bastarda, mas, pelo contrário, mantem-se integro o génio de língua portuguesa.

Arthur de Figueiredo

DIALOGO

Julio atirou o corpo para uma cadeira perdida na sala, mortiçamente. Puxou um cigarro, acendeu-o de vagar, e pôs-se a seguir com a vista os novelos de fumo, na penumbra daquele dia melancolico e doloroso.

Á janela fechada, com os vidros salpicados de conchas dagua, Maria deixava ir o olhar atraz dos raros que passavam, cingindo mais o guarda-chuva, impelidos pelo aguaceiro incessante e impertinente.

—Tinha de ser, que diabo! Juntámo-nos: alguma vez nos haviamos de separar. Isto não era para toda a vida...

Da janela, Maria tornou simplesmente, sem se voltar:

—Como quizeres.

Ergueu-se de novo, arrancado ao descanço aparente em que se mergulhára ha instantes.

—Como quizeres?!... Mas decidamente tu jurástes picar-me todo o dia com as tuas respostas. Respostas... tôlas, sabes?... Como quizeres?!...—Afirmo-te que tens outro amante, Maria, que outro homem novo como eu, forte como eu, dormiu aqui noites

inteiras, emquanto andava por longe. E a estas acusações, a que toda a mulher responde pelo menos com indignação, tu nada mais achas para dizer do que esse *"Como quizeres"* com que ha uma hora me bates nos ouvidos! Não queres que me irrite, que te fale como nunca te falei?! E' que tu não sabes o que é a paciencia, Maria; não sabes, não.

Cruzou os braços no meio do quarto, como a esperar uma resposta clara—desculpa simples ou gesto decidido.

—Estranho-te, Maria. Eu não hei-de crêr que desceste tão baixo que te entregasses ao primeiro que se lembrasse de te olhar, de bater á porta, de entrar, de te tomar.

Ia-se chegando para ela, moderando o tom; justou-lhe os braços à cinta, quase sem dar por isso, e implorava quase:

—Maria... Maria... Porque me não falas claro?...

Voltou-se muito correcta, olhando-o devagar num olhar distante.

—Ouve, Julio. É melhor entendermo-nos—e falar claro.
—Tens razão. É um disparate insultarmo-nos: eu com as minhas palavras, tu com o teu silencio irritante.
—Já te não lembras quando nos viamos a ocultas no vão duma escada?
—Lembro.
—Tinhas sempre pressa. Nunca pude perceber se era receio de meus pais ou de faltares a alguma hora combinada.
—Maria...
—Ás vezes preguntava-te se ias ver namoradas: rias-te. Falavas-me nas amantes dos outros, espicaçavas-me a curiosidade, o desejo... Preguntava-te pelas tuas amantes, Julio: tu nunca tinhas amantes...
—Mas eu afirmo-te...
—Não afirmes, peço-te. Em amor nunca se afirma.—Mais que tudo eu sentia o calôr dos teus beijos... As tuas carícias seduziam-me, os teus beijos entonteciam-me: tinha de ser tua!

Ele ergueu-se, atirando o cigarro.

—Mas não te preveniram a ti que eu tinha amantes—que as tinha como toda a gente?... amantes de dias, de algumas horas, de momentos... Não me dizias que tua mãe te mortificava a falar-te *nas outras?* Quizeste-me mesmo assim...
—Preveniram. Mas sempre julguei que fosse suficientemente forte para te tomar toda, eu só. Enganei-me, que queres... Trouxeste-me para aqui, encheste-me de carinhos, roubaste-me aos meus para me fazeres só tua. Eu acreditei, sabes? acreditei.
—Queres dizer...
—Ao principio tudo ia bem. Tu eras para mim o mesmo que

tinhas sido durante os dias em que me perseguiste, sem cessar. Depois as desculpas começáram; começavas a vir tarde, recolhias fóra de horas...

—Mas eu já te disse...

—Bem sei, disseste. Mentiras. Desculpas.—As visinhas já falavam de ti, de mim. Tinhas-me conquistado, nada mais querias. Quando vinhas ver-me, quando dormias comigo, redobravas de carinhos. E eu desconfiava: mas que queres—era tua... eramos ambos a pensá-lo assim...

—Maria, ouve: desculpas. Desculpas, sim... Porque me não falavas, porque me não prevenias, porque fôste reservada, porque fôste—mulher?

—Sei lá... A gente nesta vida, quando se entrega a um homem, nunca sabe porque faz ou deixa de fazer muitas coisas... Tu és homem, entendes?... és livre, fazes o que te parece.—Olha o Julio, tem dez mulheres, tem vinte... Que tem o mundo com isso? és homem...—Comecei a ver-te mais frio.

—Porque não fizeste o mesmo que o mundo, não me dirás? Ai das mulheres se fossem a pedir contas aos homens dos seus desvarios todos...

—Mas eu pedi-te contas, a ti? Não, Julio; eu nunca te pedi contas. Tu é que mas pediste, que mas exigiste.—Porque não fechei os olhos? porque te amava, e porque eu para ti não era mais que a mulher que seduziste, que prendeste e enredaste, e que ha-de ser tua, sempre, emquanto o quizeres—porque a perdeste.

—Maria: repára que não tens o direito de me falar assim.

—Começas... Um dia um rapaz, um amigo teu, vendo-me abandonada, começou a lisonjear-me, a querer tomar o teu logar. Ao principio odiei-o, ofendi-o; chegou a parecer-me impossivel como ainda tinha cara para me encarar.

—Bem sei...

—Mas ele era o mesmo que tu eras, Julio; dois gemeos não seriam mais parecidos em tudo. Teve para comigo os mesmos processos que tu! Incomodei-me. Não dormia, a pensar no que tu estarias fazendo áquela hora, e naquele rapaz que me perseguia. Eu continuava só, só naquela cama onde tinhamos estados juntos, dias, noites...

—Maria, espera: eu expliquei-te tudo. A minha familia, a minha vida... Não expliquei!?...

—Sim, Julio; os homens explicam sempre tudo e hão-de por força ser acreditados. As mulheres não; uma desculpa que tentem buscar, e é logo o mundo a falar delas, a pôr-lhe a vida de rastros...

—Emfim: como armáste em sentimental...

> Começou a passear nervosamente pelo quarto, anioso pelo fim. Acendeu outro cigarro, e ora se sentava, ora se levantava, incerto, indeciso entre aquela mulher e o seu amor proprio.

—Pensei muito, muito. Mal tu imaginas... Pela primeira vez eu compreendia o ciume, eu sentia-o em mim, tomando-me toda,

enchendo-me toda, irritando-me a pele, o cabelo, o corpo, a vida, torturando-me sem cessar!

—O ciume...

—Afinal, decidi: que direito tem um homem a possuir muitas mulheres, emquanto cada uma é obrigada a ser-lhe fiel! Porque é homem?... O teu amigo—odeio-o, sabes? entreguei-me, e odei-o, vês...—dizia-me isto mesmo.—"Fidelidade? porventura tu eras-me fiel?„ Caí, Julio, que queres... A culpa não foi minha... foi tua.

—Mas que dirá o mundo de mim, não responderás? Sim: que dirá o mundo, sabendo que eu tinha uma amante que me trocou por outro, sem mais nada, unicamente—por ciume?...

—Aí tens o que é para ti o amor... Por ciume, sim. É que tu não sabes o que é o ciume para nós, pobres mulheres que nos entregamos a um homem! Para ti, Julio, o ciume é o receio do mundo, do que dirá o mundo, é a quebra da tua altivez de homem a quem uma mulher fez dobrar, amando-o, emquanto odeia o outro a quem se entregou num momento de loucura, num momento de ciume.

—Odeia-lo?!...

—Odeio, sim, Julio, odeio! Tanto quanto te amo a ti. Pois não compreendeste, desgraçado, que o que me levou a essa traição—a que tu me habituaste—foi o meu amor, que tu feriste, que tu ferias a toda a hora?...

Assentáram-se.

Ouve um largo silencio em que ambos se entreolháram dolorosamente.

—Maria: queres-me dizer afinal o que tens, o que tens comigo?

—Não poderás entendê-lo, porque és homem.

Novo silencio. No quarto começavam a descer as primeiras sombras do crepusculo.

—Pela ultima vez, Maria: tens-me algum amor?

—Tenho-to estado sempre a dizer, Julio. Se não te amasse, se não fosse este imenso amor, não estaria ha uma hora nesta conversa que nos martiriza.

—Mas então...

Baixou a voz inconscientemente:

—Queres continuar comigo, comigo só, sem que outro beije a tua carne, abrace os teus braços?...

—Como quizeres...

Junho de 908.

Veiga Simões

A CASA ANTIGA

. . . .
. . . .

Eis-nos pois n'essa aldeia primitiva,
pelos visos da serra,
onde ainda ninguem desnaturou
a extructura e belleza d'essa terra
fecunda, alegre e viva,
e onde a mão de Deus se assignalou.

Mas d'entre a singelleza
d'esse grupo risonho e branqueado
de tanta casa humilde e pequenina,
—que lembra vagamente
um rebanho nevado
por alli a descer manso e contente—,
duas casas avultam na colina.

Uma, vista de toda a redondeza,
é secular, e nobre e magestosa;
seu inclito brazão
está a dizer a vida grandiosa
de antigos moradores... Em outras eras,
foram o grande amparo, a protecção,
a gloria d'essa aldeia, os seus *senhores;*
mas tudo, fugitivo, foi passando,
tal como passam sonhos e chymeras..
No decorrer de tempos destrüidores,
ao sopro duro e hostil da sorte avara,
desviou-se a Fortuna abandonando
o vetusto solar que frequentara...
Entrou lá, pouco a pouco ou de investida,
a morte, a sina varia, o soffrimento;
dos nobres moradores,
os que inda restam, tral'os longe a vida
que desune e dispersa como o vento...

E na antiga morada,
hoje deserta e quasi arruinada,
quando, ás vezes, lá pelo anoitecer,
a velhinha caseira faz ranger
a chave enegrecida e ferrujenta
que dá accesso aquella solidão,
sente a voz d'um silencio que a affugenta,

silencio triste e fundo que ficou
sendo o echo, a saudade, a evocação
de tanta e tanta voz que lá passou...

Porem na Primavera
um cazal de andorinhas, vem, ligeiro,
—por um vidro partido que as espera—
ao lar que sempre foi hospitaleiro...
E vae direito ao ninho construido
no cimo d'um profundo corredor
de lageas gastas pelos idos passos,
—tristes, alegres, apressados, lassos—,
mas onde é sempre doce e recolhido
esse ninho de amor...

E o ninho de anno em anno tem ficado
pela velha caseira respeitado:

E' que o povo bem sabe (elle adivinha)
que *"nunca mais tem sorte"*
quem destruir o ninho à andorinha,
ou quem lhe der a morte...
E quando volta o par enamorado,
no seu tão lindo vôo, docemente,
acorda e alegra a solidão dormente...

Nos extensos jardins, lá onde tudo,
abandonado e mudo,
regressou lentamente á natureza,
—onde as alegres tulipas e os nardos
deram lugar aos espinhosos cardos,
e as roseiras são silvas na braveza—,
chega tambem a hora em que os invade,
n'um ar de Primavera indefenida,
a ineffavel Bondade,
alma d'essa estação doce e florida,
que primeiro, inda occulta, inda latente,
cinge n'um fluido tudo quanto existe,
em tudo se presente;
mas depois toma corpo; e, na doçura
das suas formas tudo que era triste
se consola, se alinda e transfigura.

Aqui recobre as pedras desoladas
de musgo aveludado e luminoso;
e mais alem errompe em grupo airoso
de tanta flor agreste
de que a terra maninha se reveste;
e até nas tristes fendas, tão lascadas,

de azulejos de cores sem viveza,
toma vulto em avencas delicadas,
em florinhas de timida belleza,
que parecem sorrisos de piedade
(ai! que o são com certeza!)
a consolar aquella soledade...

Mas dos antigos tempos resta ainda,
junto a nativa fonte que murmura,
uma velha roseira augusta e linda.
Ella propria se vae dessedentar
ao seio d'essa fonte que tem sido
a fonte mais segura
da belleza sem par
com que em milhões de rosas tem florido.

Até morrer irá symbolisando
essas *almas antigas* que florescem
em uma longa vida de virtude,
e até já mesmo quando
na morte desfalecem,
é n'um sorrir de paz e beatitude...

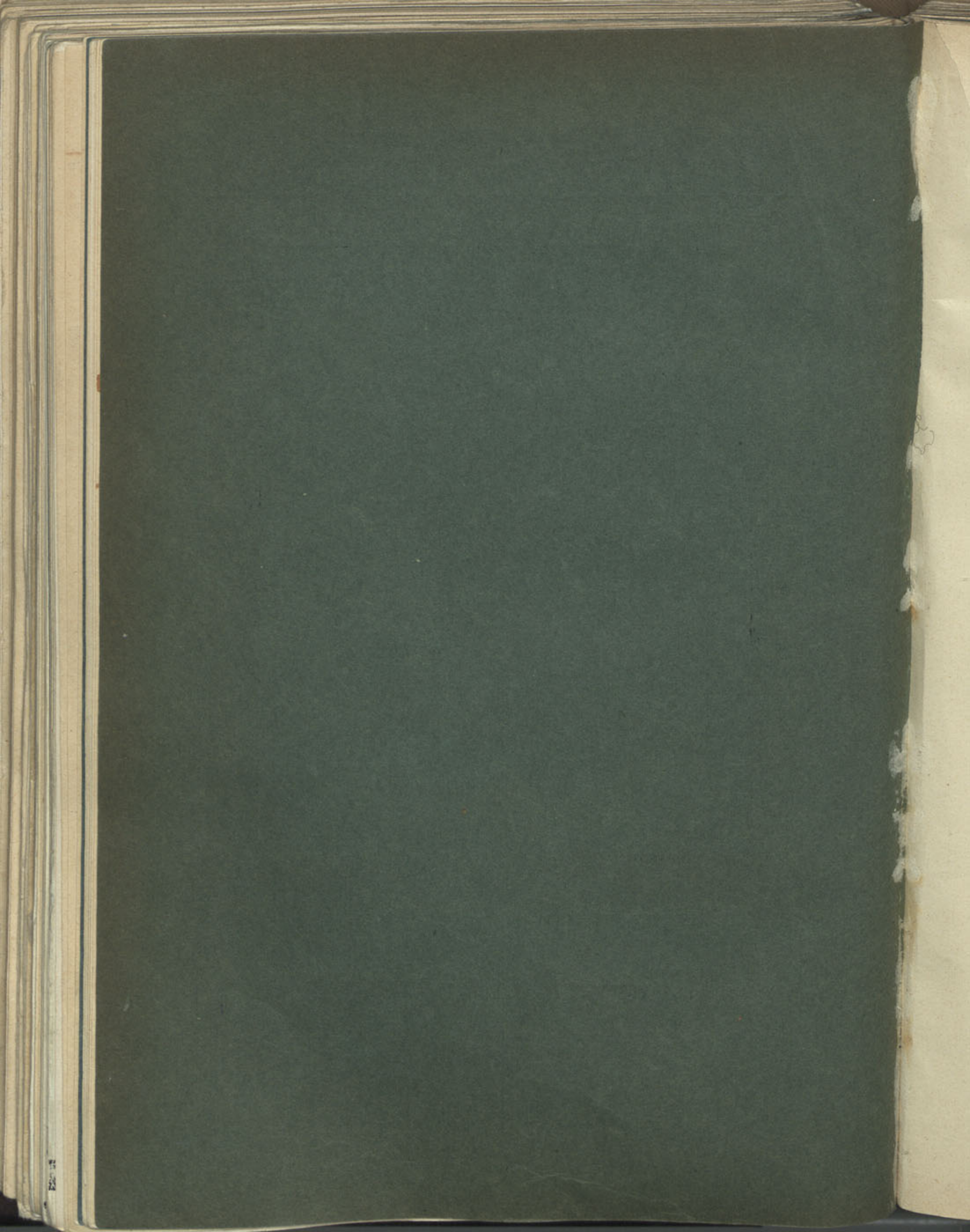
Pelas mysticas noites de luar,
quando a triste da casa abandonada,
lá pelas altas horas, vela e scisma,
pondo na aldeia um trecho de Balada...
a roseira de graças peregrinas,
que a florescer um longo muro enrama,
desfolha rosas brancas e divinas...
O seu doce perfume enebriante
se exalta e se derrama,
e vae ligar-se ao fluido penetrante
d'esse extactico sonho em que se abysma
a ruina quando vela e quando scisma...

Sonho que tambem é doce perfume,
em cuja maga essencia se resume,
a sublima e condensa,
a seducção immensa
d'esse mysterio sempre impenetrado,
d'essa poesia intensa
que se evola das ruinas do Passado.

1907

Candida Ayres de Magalhães

MAQUETTE DA ESTÁTUA A CAMILO

(De Teixeira Lopes)

DESTINO

(Continuação da pag. 181)

Meses depois recebia carta do Adolpho. Era uma carta breve, a informar que o filho passava mal, muito anemico, e a pedir indicação de casa de campo onde pudesse tentar a saude d'elle.

Lembrei uma quinta proxima de Ancêde.

Ancêde é uma das ultimas freguezias da antiga provincia de Entre Douro e Minho; beira com o Douro pelo sul, fronteira a terras da Beira Alta; e sóbe até ao velho Mosteiro dos frades dominicanos, que em tempo a governaram. Parallelo ao Convento, na freguezia de Santa Leocadia, ficam os antigos dominios do velho senhorio de Bayão, que ainda hoje conservam o nome de Paço.

É da Historia e principalmente da Lenda o grande poderio de D. Arnaldo, onde vão enxertar-se os ramos mais folhudos da boa linhagem da Peninsula.

Do velho solar existem ruinas. São os restos do palacio comido pelas chammas á ordem de João II, o inimigo temivel da nobreza.

A quinta é uma estirada encosta, que segue do Rio á matriz da Freguezia.

Quebra a meio por um largo patamar, onde foi levantada uma casa em rectangulo, que domina o Douro e a curva da linha ferrea que em baixo, desenha um S deitado, formado de pontes altas nas partes recurvas.

Eminente ao Douro sóbe a encosta do Loureiro, vestida de pinheiros bravos e oliveiras. D'esta encosta, como do planalto do Paço, avista-se um tracto curto do Rio e o valle religioso do Bastança.

A paizagem, que no Alto Douro, é depressiva e tragica melancholiza-se perto de Ancêde, sombria da velha alma dos Mosteiros de S. Domingos e Ermêlo, ainda alli errante!...

O Alto Douro, região de saibros e escarpas, é uma especie de Villa de Inferno, onde o sol se aborrece a queimar vinhedos, que, no outomno, vestem de labareda as encostas. Por entre galerias diabolicas discorre mysterioso e abysmatico o Rio, ora cobrindo e trabalhando as longas filas da penedia, ora seguindo, inferior aos granitos, a regougar nos recolhos contra as margens lividas, onde borbulham caldas, cachões de agua fervente, fontes de enxofre e ferro.

A penedia, estatuada do genio confuso da agua, reparte-se em fileiras phantasticas! Encanam o Douro granitos macabros: — pedras negras e roxas, algumas luarentas, nuas de côr, — altos lavores de renda, ossadas — monstros, despojos carcomidos de velhas victorias d'agua!

No Valle, ainda recurvo de Ancêde o Rio alarga, espraiando a physionomia nova das suas aguas cansadas de Baixo Douro...

Fronteiras ao Paço, ficam as primeiras terras da Beira Alta, um systema de encostas caprichosamente quebradas que contrafortalecem as serras asperas de Montemuro e Gralheira.

Tal a paizagem que se insinua ou descobre do velho senhorio do Paço.

Adolpho, que acceitou a lendaria quinta, appareceu n'um dia cinzento do outomno, apeando no Loureiro com o filho, dois creados e uma senhora de edade, com geitos de ama velha, discreta e muito zelosa dos caprichos do Jorge.

Impressionaram-me tristemente os recemchegados. Logo suppuz perdido o pequeno! Da creança que vira em Carreiros, e me parecera um fructo animado e perfeito, pouco havia já. Era uma figura extranha, indifferente, sumida em pelle de seda desmaiada...

O pae, muito livido, vinha tambem doente. Padecia do mal-do-filho.

—Aqui me tens com o Jorge, disse cumprimentando-me. O pequeno muito mal, como vês...

—Pode melhorar, disse eu mentindo-me. Deve melhorar! Era tão forte...

—Sei lá! Vês alem aquella arvore? perguntou, apontando para um sobreiro moreno. É das arvores mais valentes que conheço. Pois abate-a um sopro do tempo. É de pequena raiz. Questão de raça!...

Tambem as arvores têm genealogia, raça. E são as de melhor linhagem as que peior se entendem com a terra...

Não sei que disse.

Confessou-me que era a primeira vez que calcava os velhos dominios do D. Arnaldo. E, reparando na linda vista que o Valle offerece—elogiou a paizagem.

Disse-lhe que este trêcho era um ponto de Belleza que constava do mappa do inglez Forrester, como dos mais interessantes do Valle do Douro.

—Mau agoiro, disse elle sombreando as palavras. Sabes, que estou agoirento como um turco! Jamais a Belleza deixou de perseguir-me. Oxalá a tua terra me entrave os prejuizos.

Obtemperei não sei o que, inquirindo miudamente da doença do Jorge. E, já no carro fui apresentado á senhora alta que nos acompanhava.

—É a velha freira das Salezias, disse Adolpho em surdina, aquella em que te fallei, em tempo, uma que ia á grade com Maria Lucena—uma santa!

Fui procura-la, quando soube que o regimen a expulsava do convento.

Veio depois que lhe contei a minha vida, e a necessidade que tinha d'ella para amparar as minhas miserias, em que culmina a doença do Jorge.

Olha, lá vae ella a rezar. Continua as velhas contas com o

Céo. Se, ao menos, aproveitasse ao Jorge o saldo de preces que lá deve ter!...

Chegamos breve ao Paço, onde os recem-chegados se installaram. Percebi os cuidados que rodeavam o doente. Em tudo governava o seu capricho e vontade, lassa de mimos e doença.

Retirei quasi logo. Sentia-me de mais n'aquella casa. Doia-me falar do Jorge; presentia-o irremediavelmente perdido e temia trahir-me na fraqueza com que mentia, fabulando esperanças. Despedi-me de Adolpho, certo da sua proxima e irremissivel desgraça!...

Passados dias recebi carta d'elle. Trazia no alto a nota extranha—*Posthuma!*

Li surpreso as seguintes linhas:

Amigo!

"O Jorge morreu; vou com elle. Manda tomar no teu jazigo um gavetão. Chega para os dois. Adeus! Mudo de casa sem te offerecer os meus serviços porque creio que serei no outro mundo, de certo inconsciente, a mesma creatura que fui n'este:—um nefasto para mim, um inutil para os outros...

Do velho condiscipulo e teu amigo:

Adolpho.„

Parti para o Paço. Queria saber miudamente o que tinha havido.

Encontrei, na primeira sala, soror Clara muito serena, dando ordens.

Cheguei a suppor que tinha lido mal a carta minutos antes recebida. Breve duvida! Infelismente tudo o que pensára de mau se confirmáva. Informou a freira que Jorge morrera de madrugada, suicidando-se Adolpho quasi logo.

—Eu contava, dizia a santa mulher, com a morte proxima da creança. Ha dois dias que mal se alimentava. Veio hontem o medico do Porto, chamado por telegramma, e logo o disse perdido.

Antes delle, ajuntou piedosa e segura, já Deus o tinha julgado. O que não esperava era o suicidio do Pae. Não imagina, parecia conformado com a vontade de Deus. Nem uma lagrima o vi chorar. Esteve a afaga-lo, muito sereno, logo que elle acabou.

Depois compo-lo com todo o vagar e carinho; retirou ao quarto, e passados minutos desfechou sobre o peito a arma que alem está...

Deus lhe perdoe. Elle era bom e temente da Egreja!

Allucionou-o a perda do filho.

Já mandei chamar o snr. abbade, accrescentou. Informaram-me de que está um encommendado. O antigo abbade fugiu. Persegue-o a auctoridade por questões religiosas. Parece que já assaltaram duas vezes a residencia á procura d'elle. Temo que o encommendado não saiba os caminhos. Admiro que não tivesse vindo!

Soceguei a pobre senhora:

—Que viria o abbade de Ancêde, se faltasse o de Santa Leocadia. Depois pedi-lhe que me indicasse o logar onde descançavam os mortos. Queria ve-los.

—Estão alem, disse ella. Acabei ha pouco de amortalha-los.

Cortamos em diagonal a sala, seguindo para um aposento do nascente.

Era um quarto amplo de tres janellas largas das quaes só uma, meia aberta, dava luz aos mortos.

Rente á parede estava uma cama alta de pau santo, cabeceiras de talha grossa e columnas esguias pouco trabalhadas, suspendendo um docel côr de gemma. Sobre a cama, coberta de damasco verdelimo, pousavam os mortos.

Adolpho tinha o aspecto de quem descançava, sereno, a labuta de velhas lidas. Nem uma feição descomposta!... Só a côr lhe inculcava insensibilidade, o drama de horas antes.

Vestia simplesmente,—um fato leve de viagem.

Devia ser uma viagem religiosa a que ia tentar, pois que tinha as mãos erguidas em prece.

Unia-as um rosario de contas grossas de azeviche. Presumo que Deus não attentasse na camandulas, uma lembrança que soror Clara mandava ao Eterno com o pedido de salvação para o Suicida. O que não podia deixar de rever eram as mãos, finamente desenhadas, de Adolpho—agora d'uma belleza nua de vida. Eram ao mesmo tempo um indice de raça, e a prova suprema da arte sobrenatural de Divino Oleiro!

Rente ao Suicida descansava Jorge, desfigurado pelo arrepanhamento da sua doença longa. Era um ex-voto de cera, meio gasto e abandonado, tão exigua e pobre era a sua figura, outrora travessa e leve, tumida de vida!

Contemplava-os ha momentos quando me distrahiu a entrada de uma mulher nova, vestida de negro, muito loira e branca, que entrou no quarto dos mortos e quedou marasmada a encara-los.

Era Maria de Lucena, que chegara no ultimo comboio. Vinha ver o filho, que suppunha doente. Encontrou-o morto com o Pae.

Foi serena beijar o filho; e depois a mão branca de Adolpho, ficando a fita-lo por largo tempo.

A face d'elle tinha agora tonalidades esparsas dum verde delido—que se casavam ás expressões do olhar de Maria de Lucena a reviver amores mysteriosos na expressão suave e funda dos seus olhos verde-liquidos.

Retirei para o salão. Era-me penoso espreitar a dor d'aquella mulher extranha soffreando os baldões do desespero intimo.

Talvez pensasse que lhe negava o direito de soffrer alto a culpa.

Acompanhou-me soror Clara, scismando na falta do Encommendado. Ia escrever para Ancêde, deferindo os melindres da religiosa, quando foi annunciado. Surprehendeu-me o seu cartão que li alto:—*Padre João Sande.*

A Freira curvou-se sobre a tìra mal lithographada, como que a ver se me tinha enganado. E, vendo que não:—louvado seja Deus! Como juntou n'esta casa os culpados d'um só delicto! Que Elle lhes perdoe e os tenha em sua santa Graça...

Entrou o Padre e cortejou perturbado encarando soror Clara, que o viu serena.

Disse-lhe para que o mandára chamar—o que se tinha passado.

—Já sabia. Mas infelizmente, informava o padre a mêdo, não podia intervir.

Que lamentava tudo, dizia, demais tratando-se de pessoas com quem tivera relações. Mas a Religião era inflexivel, só servia aos fortes! Seria tibieza da sua parte transigir com pedidos ou imposições de sentimento. A Egreja tem, dizia em surdina, obrigações que não pode pôr de lado. Os suicidas estão fóra da Egreja. Não podem beneficiar da liturgia catholica. Estou ha dias a pastorear Santa Leocadia. Heide cumprir os meus deveres. As Constituições do Bispado...

Não acabou o arrasoado.

Poz-lhe termo Maria de Lucena, surdindo, senhoril e tragica, do quarto dos mortos e intimando-o a sahir.

—Já! dizia segura da obediencia á sua ordem. As Constituições do Bispado foram previdentes, impedindo que viesse entrudar com os mortos a sua velha farça de padre-palhaço. Vá! e apontava-lhe a porta, envolvendo-o no olhar de verdete, agora acceso de nojos. O padre sahiu.

O enterro foi no dia seguinte.

O acompanhamento sahiu tarde, sem sol. Levava pouca gente: —os creados, alguns caseiros da Quinta Maria de Lucena e eu. Cortejo simples, seguindo lento a estrada, e atravessando S.ta Leocadia desacompanhado de symbolos religiosos.

Na linha divisoria da Freguezia esperava o Abbade de Ancêde, um velhito curvado, simples e bondoso, que, sereno, resou o primeiro descanso dos mortos.

Ao seu gesto de rudeza boa, alçou a Cruz de prata um camponio de opa escarlate e capello branco.

Era a cruz rica da Freguezia, velha dadiva do antigo senhor de de Bayão—ascendente illustre dos mortos.

O caixotim do Jorge ia aberto e era conduzido por quatro creanças fortes, que me lembraram o lindo pequeno que eu vira no Castello da Foz a batalhar alegrias, agora mortas.

Elles levavam-n'o com cautella, como quem leva uma arca de joias.

Entramos no cemiterio quando o sino do velho Convento de Ancêde rezava as Trindades.

Foi aberto o caixão de Adolpho, que o velho padre refrescou de agua e palavras santas. Attentei pela derradeira vez na sua figura, agora branca de morte.

Era o mesmo perfil tragico e fatal que, ha muitos annos, atra-

vessava o Estudo e os recreios com uma só expressão—a expressão resignada de mysterio e dôr acceite.

Os creados desceram os mortos ao primeiro prateleiro baixo do carneiro. E terminou a cerimonia com o liturgico latim do velho. Maria de Lucena não deixava de o fitar, agradecida.

—Alli estão oitenta annos de bondade, informei.

—Presente-se ao ve-lo, confirmou ella. Reconciliou-me com Deus.

O velho orou ainda, ajoelhado sobre a pedra que fechava o armario raso, de granito.

Maria de Lucena beijou a mão do sacerdote, despediu-se de nós e partiu com soror Clara, que a esperava em carruagem na estrada...

Fiquei a interrogar-me sobre as ultimas figuras do drama a que assistira:—Soror Clara, Maria de Lucena, o padre Sande...

Tudo desapparecera como á ordem do Mysterio!

Desceu a Treva, genio-phantasma do Tempo e apagou subito os ultimos desenhos daquellas figuras de tragedia...

Só Adolpho se me revelava na camara escura da Noite, transformando-se, vivendo no Novo Mundo outras formas, e imprimindo sempre a cada forma aquelle geito livido e fatal que expectrava para alem de si a Alma do Destino!...

Ancêde 1911—Janeiro.

Á ESPERANÇA

A João de Barros

Esperança gentil, carinhosa e bemdita,
Deliciosa ilusão fascinadôra,
Tu que sempre fizeste os heroes e os poetas,
Acolhe-me em teu seio.

O teu anseio
De perfeição e maravilhamento
Sóbe do prado com o aroma das violetas
Ao pincaro espontado das montanhas
Onde se agita ao vento
O teu grande estandarte verdejante.

Filha da Luz fecundadôra,
Mãe do meu sonho radiante
Que todos os meus passos acompanhas:
Nascedoiro da minha aspiração,
Como te sinto no meu coração
Vejo-te reflectida
Na magestade olympica das aguias
E no leve rumor da aza das borboletas.

Esperança!... Esperança,
Veio verde voando
As nossas incertezas;
Inimiga maior de todas as tristezas,
Razão de ser de todos os felizes,
Tu que és uma existencia promissôra
No riso imperceptivel da criança,
Torna-me teu captivo,
Faze um homem fellz, de mim, que vivo
Entre infelizes...
E os desalentados, abandonados,
Esperam ainda os beijos da Ventura
Que para elles vem na tétrica figura
Da Morte...

Sê bemdita, Esperança!... Sê bemdita!..,
Tu que sabes reunir em ti toda a infinita
Grandeza de ser bom e de ser forte,
Estende sobre mim teu estandarte

Que está em toda a parte,
E segue-me com teu olhar de toda a parte
Cariciosamente,
Eternecidamente.

Mão generosa, mão consoladôra,
Mão reverdecente,
Que és na coma de uma arvore folhuda
Um gesto de esperança, uma caricia muda.

Verde é o teu olhar
Que de esperança a todos incendeia.
Verde é tudo o que te rodeia,
Verde é o campo, verde é o mar.
Todos os lutos têm o teu consolo
Na tua doce caricia enternecida
Que para tudo
Tem a maciês discreta do veludo.

Andas na pradaria em torno das corolas
Purpurinas, que são como gritos de guerra
Alucinados, a brotar da terra,
E vão depois morrer como gôtas sangrentas
No teu seio que tem no seu verde magnifico
A magestade real das cousas opulentas.

Deusa feita mulher de olhos verdes, e calmos,
E ondeante e verde cabeleira
Que esparsa ondeia sobre a terra inteira.

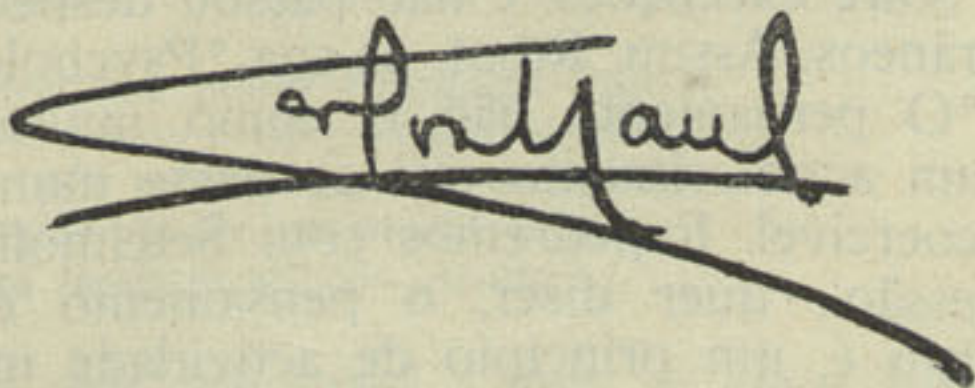
Esperança!
Ó verdoenga promessa deliciosa
De milhares de beijos!...

Ó boca estumescida de desejos,
Ninho tepido
Onde a volupia mora e as cantigas palpitam
E volitam
Como as cigarras
Vagabundas, cantando
Umas canções bizarras,
E flaflando
As azas transparentes.

Esperança radiante,
Sacia a minha sêde de victoria
No teu corpo triumphante,
Na tua gloria!... Na tua gloria!...

MAQUETTE DA ESTÁTUA A CAMILO

(De Teixeira Lopes)

Embala-me, cariciante,
Ao som dos teus cantares,
Que vivem a correr sorrindo e desejando
E vibrando
Nos prados e nos mares.

Dá-me a Ventura nos teus braços grandes,
Infinitos como a belleza
Que irradia de ti quando te expandes
Num sorriso auroreal por toda a Naturesa.

Dá-me no teu afago a Terra Promettida,
A Ideal Canaan de rios murmurantes,
De ondulosas curvas melodiosas,
Onde os sonhos de amor são mulheres e rosas,
Onde a Vida é a Belleza
E onde a Belleza é a Vida...

Eu que te vejo em tudo, em symbolos vibrantes,
Nos desejos, no amor, na tristesa infinita
Dos infelizes e desiludidos;
Nas alegrias
Das camponezas rubicundas,
Nas mil maravilhosas phantasias
Que enchem o olhar de mil tuberculosas
De tez de lyrio e com olheiras fundas,
Reclamo o teu amor, reclamo a tua sombra
Para o meu corpo e para a minha alma.

Vem dos espaços, vem dos espaços,
Abre-me os braços
Para eu descansar,
Para eu sonhar...

Rio—912.

Nova teoria do sacrificio

"Et cependant sans ce mystere, le "plus incompréhensible de tous, nous "sommes incompréhensibles à nous mê-"mes. Le nœud de notre condition prend "ses retours et ses plis dans l'abîme du "péché originel; de sorte que l'homme "est plus inconcevable sans ce mystere, "que ce mystere n'est inconcevable à "l'homme.„

Pascal.

I

O **rito** do sacrificio, já de si singularissimo, ainda apresenta de extranho o ser praticado por todos os povos, desde os tempos mais remotos até hoje. A causa, pois, que o determina, deve ser universal, instante, terrivel, para produsir tal duração e generalidade. As hipóteses tendentes a explica-lo, embora algumas engenhosissimas, com indiscutiveis verosimilhanças, taes as de Tylor, (1) Robertson Smith (2) e escola de Durkheim, (3) têm o defeito commum de justificarem o sacrificio em *alguns* povos somente, pois que não é de crer que as mesmas aproximações, mais ou menos remotas, mais ou menos subtis, fossem feitas em toda a parte; e, se se recorre á irradiação dessa idea do povo ou povos que a pensaram para os restantes povos, não se vê em tal idea suficiente importancia e evidencia para ser universalmente adoptada com um cerimonial rigoroso e complexo, e acatada com o maximo dos respeitos.

Estabeleçamos desde já um principio que póde ser fecundo e dar-nos a chave da questão que pretendemos resolver. Quando o homem expõe uma ideia, tende a dramatisa-la por actos. Este principio não sofre excepções, e não passou despercebido aos psicologos contemporáneos. Assim, Ribot, na sua "Psychologie de l'Attention,„ (4) escreve: "O pensamento não é, como muitos admitem ainda por tradição, um acontecimento que se passe num mundo suprasensivel, etéreo, incoercivel. Repetiremos com Setchnoff "não ha pensamento sem expressão„ quer dizer, o pensamento é um acto no estado nascente, isto é, um principio de actividade muscular.„

(1) Tylor — La Civilisation Primitive — tr. fr. 2 vol. 1.a ed.

(2) R. Smith — The Religion of the Semites 2.a ed., e Reinach — Cultes, Mythes e Religions, Vol. 1.o, ch. VI

(3) Hubert et Mauss — Mélanges d'Histoire des Religions (Essai sur la nature et la fonction du sacrifice), e Émile Durkheim — Les formes elementaires de la Vie Religieuse (1912) livre III, cap. II.

(4) pag. 20.

A civilisação vae atenuando a exuberancia de actos concomitantes á enunciação do pensamento. No homem do povo ha mais intensa dramatisação do que no homem do mundo, no selvagem mais do que no homem do povo; no entanto todos são afectados desse modo de ser, que serviu de base a Bernheim para a sua terapeutica sugestiva, e a Paul Emile Levi para uma curiosa teoria da educação da vontade e seu emprego terapeutico, por auto-sugestão.

As primitivas tradições teriam riquissimos desenvolvimentos dramaticos, representativos das acções nelas referidas, e essa foi, sem duvida, a origem dos ritos. É incrivel a cegueira dos que affirmam que, na essencia, os mitos são interpretações de ritos, tomando como geral o que é esporadico apenas. Que alguns mitos, principalmente entre os relativamente modernos, sejam a interpretação de ritos já sem sentido, desirmanados dos respectivos mitos, concebe-se; mas que seja esse o habitual processo de génese dos mitos, é o absurdo. Tinhamos, para a explicação dos ritos, de cahir nas singularidades da escola sociologica franceza. [1]

Os ritos são dramatisações de mitos, isto é, de tradições adulteradas, mutiladas, interpoladas, que, todavia, conservam um nucleo que persiste ou varia segundo determinadas leis, como nas linguas romanicas persiste a vogal acentuada, consoante a lei do filologo Frederico Diez, ou se transformam regularmente as consoantes, nas linguas germanicas, segundo as leis de Werner e Grimm.

De resto, se assim não fosse, deveriamos renunciar, como esteril, ao estudo da mitologia e folk-lore.

Diziamos nós que os ritos são as representações de tradições e mitos. E' o que prova um exame desprevenido aos inumeraveis mitos, tradições e ritos espalhados pelos poemas cosmogonicos, poemas epicos, classicos gregos e latinos, estudos sobre os não civilisados, *e tutti quanti*. Citemos as libações, os ritos orgiasticos, nas festas de Baco, representando o mito da descoberta do vinho, os ritos agrarios oferecidos a Céres, Atis, Osiris, Adonis, simbolisando o mito da invenção da agricultura, cultura dos cereaes... [2] e os misterios de Isis, reproduzindo os passos do mito Osiriano [3]. Em toda a explicação dum rito, dum uso, aparece uma tradição, um mito. Ovidio relata-nos assim a razão do uso do moreto:

> "Um derradeiro ponto enfim me ilustra:
> — Em tão santos e opiparos banquetes
> Ousarem pôr moreto!... esse indigesto
> Manjar vilão de tão grosseiras hervas
> Envolverá tambem sentido oculto?"

[1] Sobre a fusão de ritos, que arrasta a fusão de mitos, falaremos mais adeante.

[2] Frazer, — le Rameau d'Or, tr. franceza, 1903-11, 3 vol, passim. Chamamos a atenção do leitor para os factos citados nesse admiravel trabalho de erudição. A interpretação de Frazer é diferente da nossa. Para os misterios de Eleusis, em honra de Céres, V. Chantepie de la Saussaie, Manuel d'Historie des Religions, tr. fr. 1904, pag. 559 e Foucart — Recherches sur l'origine et la nature des Mysteres de Eleusis, 1895.

[3] Moret — Rois et Dieux d'Egypte, 1911. V. Plutarco — De Iside et Osiride.

"De leite simples, de grosseiras hervas,
—Conclue a sabia mestra—era o sustento
Dos antigos mortaes, se crês na fama;
Logo alvo queijo e vegetaes pisados
Quem assim os mistura, está lembrando
A prisca deusa e os priscos alimentos„ [1]

Os sacrificios no Egypto "parecem repetir o tema do espostejamento de Osiris [2]„ e a famosa créonomia, na Grecia, era a reprodução do mito de Zagreus despedaçado pelos Titans. Mas, talvez mais elucidativo exemplo é o reproduzido por Van Gennep, no seu livro "La formation des Légendes (1910).„ Trata-se dum mito que no proximo artigo estudaremos, referente a um salmão que foi cortado em bocados, cozido, depois de terem lançado incenso no fogo, e por fim comido por dois irmãos. "Recitando isto, o padre magico pesca um salmão, no sitio indicado, corta-o com uma faca de pedra, prepara o fogo, deita-lhe incenso e come o salmão [3].„ "A narrativa e o rito formam aqui um todo indissoluvel [4].„ O ilustre etnógrafo é de opinião que as narrativas precedem os mitos. Para nós, os dois aspectos são simultaneos. Claramente que as grandes dramatisações são posteriores á narrativa, á tradição; mas já no inicio essas tradições eram mais ou menos dramatisadas.

Se, pois, os ritos são a representação de mitos, de tradições, de qual mito ou tradição será a contra-parte o rito do sacrificio?

Em boa critica, parece-nos que as condições a exigir á solução provavel do problema, sejam as seguintes: 1.º Pois que o sacrificio é universal, a tradição correspondente deve estar universalmente espalhada. 2.º Essa tradição, na sua dramatisação, deve dar uma forma arcaica do sacrificio, donde facilmente derivem as suas diferentes modalidades, exageros e atenuações; 3.º Deve essa tradição ser a derivada dum facto quasi contemporaneo ou contemporaneo da vida da especie, pois que o sacrificio aparece desde os mais antigos tempos [5].

A forma do problema, em ultima análise, é esta: dada a acção, achar a idéa correspondente.

II

Haverá algum mito ou tradição que responda ás condições exigidas? Um mito é função duma tradição [6], que, por sua vez, se refere a um facto. Os factos que dão origens a tradições vivazes, são, naturalmente, factos importantes—as grandes descobertas, as

(1) Ovidio—Fastos, tr. de Castilho, tomo II pag. 145.
(2) Hubert et Mauss—ob. cit. pag. XIII.
(3) Van Gennep, obr. cit. pag. 110-11.
(4) idem, idem, pag. 111.
(5) O ilustre sabio portuguez Snr. Leite de Vasconcelos acha extremamente provavel que nos tempos neoliticos houvesse sacrificios animaes. Religiões da Lusitania, tomo 1.º, pag. 348.
(6) Não seguimos as definições de mito dadas por Wundt (Völkerpsychologie, II, Der Mythus, 1905), Gennep, etc, como se vê.

mudanças profundas de costumes. Vê-se, pois, claramente, que um mito é a reprodução mais ou menos alterada dum facto, e até mais rigorosamente se dirá que um rito seja mais a representação duma tradição do que dum mito, visto que os ritos não variam proporcionalmente á forma oral, muìto mais instavel.

De passagem diremos que do exposto se deduz uma consequencia que não sabemos ainda ter sido notada—que uma das causas da duração das tradições e dos mitos, é o rito, que lhes serve de esqueleto, e dalgum modo lhes predetermina as ulteriores variações.

A tradìção que buscamos, referir-se-ha a um facto supremo da vida da especie, como diziamos. Esta consideração pode guiar-nos na descoberta das analogias que, atravez das ínumeras variações, possam entre si oferecer os mitos, permitindo-nos encontrar uma categoria de mitos oriundos da mesma tradição, concernentes portanto ao mesmo facto.

Se admitirmos a descendencia simiana do homem (e hoje não sofre objecções sérias essa doutrina [1], quer se adoptem as vistas de Darwin au Lamark, quer se siga a teoria mais provavel, talvez, de de Vries, das mutações bruscas) somos forçados a reconhecer que, na transição do antropoide para o homem, houve uma mudança de regimen alimentar. A preistoria dá-no o homem caçador, pescador, ao passo que os antropoides são frugivoros, e, factos notaveis, o homem conserva o aparelho digestivo dum frugivoro, nas suas tradições refere-se a um passado de frugivoro, tem uma repugnancia instintiva pela carne crúa, e, finalmente, grande parte das suas doenças são devidas ás toxinas dos alimentos animaes [2]. Ainda hoje, apesar das inevitaveis modificações que longos séculos de omnivorismo produsiriam, existe a possibilidade no homem duma alimentação exclusivamente frugivora, tantos e tantos séculos o foram os nossos antepassados simianos!

Esta mudança de regimen foi, quanto a nós, o facto capital da vida da especie, [3] pelas consequencias que acarretou. A' vida livre, ociosa, arvoricola, frugivora, do antropoide na floresta, succedeu a necessidade de caçar a presa, o desenvolvimento do cérebro, diuturnamente ocupado nos ardis da caça, as doenças ocasionadas por alimentos a que o seu organismo não estava habituado, a necessidade da defesa contra os animaes que, reagindo, passassem de perseguidos a perseguidores [4], e, seguidamente, os rudimentos

(1) V. no entanto as teorias de Klaatsch, que derivam o homem dos mamiferos do eoceno, de Kollmann, que faz dos antropoides variações da especie humana, de Ranke. etc. V. Van Gennep—Religions, Moeurs et Légendes, 2.a serie, 1909, pag 201-2.

(2) V. qualquer patologia moderna.

(3) Já tratamos este assunto desenvolvidamente numa teoria nova sobre o mito adamico, publicada no Porto Medico, n.º 11, ano 5.º, sob o titulo "Nova Interpretação da Tragedia do Génesis". Refundimos aqui parte desse ensaio, ampliando-o em algumas partes, por nele se fundar a nossa nova interpretação do sacrificio.

(4) Revé Quinton sustenta que os mamiferos carnivoros são posteriores ao homem. Revue des Idées, n.º 1, ano 1.º.

da civilisação, mercê do desenvolvimento mental, a familia, as habitações, a fabricação de instrumentos, e a guerra com todos os seus horrores. Foi a origem do bem e a origem do mal.

Entre as modificações causadas pelo novo alimento, duas ha que merecem fixar a nossa atenção porque, como veremos no decorrer destes artigos, aparecem notadas em varios mitos. Queremonos referir á queda do pêlo e ás dificuldades do parto.

Müller de Fuente affirma que o homem era outr'ora menos favorecido de sistema piloso do que hoje [1]. Está em seu pleno direito. Tudo porém milita a favor da hipótese contraria. Van Gennep, tratando do sistema piloso, diz: "Tem-se explicado pela mutação a ausencia de pêlos no corpo do homem, evidente inferioridade na lucta pela existencia; mas é impossivel que não tivesse causas profundas, extremamente energicas [2].

Ora a causa profunda e extremamente enérgica, póde e deve ser o uso da carne. Com efeito, o Dr. Julio Grand, Presidente da Sociedade Vegetariana da França e Belgica, num trabalho sério "La Philosophie de l'Alimentation„, diz-nos a pag. 19: "Se se alimenta o macaco a carne, em breve fica doente perde o pêlo e a pele cobre-se-lhe de erupções e ulceras.„

A proposito das dores de parto, diz o eminente bacteriologista Elie Metchnikoff. "Um facto extranho e aparentemente anormal da função reprodutora, poderia ser tambem esclarecido com o auxilio da historia da sua evolução. Temos em vista os sofrimentos do parto. E' na verdade para admirar que um fenómeno tão fisiologico seja acompanhado de dores e perturbação tão acentuados. Ha muitos animaes que sofrem durante o acto do parto, mas, na classe dos mamiferos, a mulher bate incontestavelmente o *record* nesse ponto„ [3].

Concebe-se que a causa principal desta anomalia seja o consideravel volume do craneo da creança, consequencia do desenvolvimento cerebral da espécie. Se admitirmos, com tantos sabios modernos, que a transformação do antropoide em homem foi brusca (sob o excitante da alimentação, e suas consequencias, acrescentaremos) comprehende-se que a tradição conservasse essa particularidade, como veremos [4]. Se se preferisse a transformação lenta, ainda assim poderia o facto entrar na tradição, ao fim de muito tempo, é claro; não é crivel que a tradição ficasse completa no dia seguinte ao do novo uso. A verdade dela procede, além do menor periodo de tempo dos que a crearam, ao sucedido, da ausencia de ideas perturbadoras que embaraçam as interpretações modernas, podendo assim os primeiros homens, com uma mentalidade redusida, chegar a interpretações reaes. Ha outras modificações da vida sexual, que reservamos para outro estudo, entre elas a origem da menstruação.

(1) Van Gennep, ob. cit. pag. 204, nota.
(2) Idem, idem, pag. 204.
(3) Metchnikoff — Essais sur la Nature Humaine, 2.a ed. 1904, pag. 120.
(4) Convem notar que a civilisação do homem contribuiu para um maior desenvolvimento cerebral dos animaes.

Depois do que exposemos, apontadas as gravissimas consequencias do novo uso, parece legitimo procurar-se uma tradição e respectivas degenerescencias (mitos) que a esse uso e seus efeitos se refira. O seu esquema será: um alimento (ou derramamento de sangue) foi uma acção funesta que trouxe á humanidade, ou ao seu simbolo, um homem, grandes desgraças. Eis o facto central que devemos esperar se mantenha. Os acessorios, começo da especie, felicidade anterior á *queda*, especificação das desgraças sucedidas, esses ou cairão ou se irão desfigurando em sucessivas interpretações, ou mesmo, por um raro acaso, num povo misoneista, extremamente cuidadoso com as suas tradições, se conservarão algumas com relativa exactidão.

Com este nucleo e alguns acessorios diferenciados ou exactos, encontram-se numerosos mitos, sendo para recear, contudo, as convergencias de factos diferentes, que nos iludam, embora os mitos que vamos estudar tenham uma feição inconfundivel.

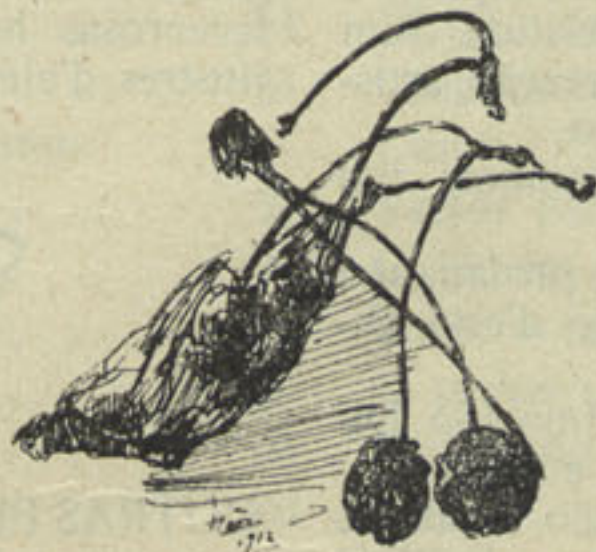
Resumindo: parece-nos que achamos um facto importante, *que fatalmente se deu*, colocado na aurora da espécie. Veremos que a sua tradição e mitos estão universalmente espalhados, e, por fim, provaremos que a sua dramatisação dà o sacrificio.

(Continua).

Matosinhos, 5-11-12.

José Teixeira Rego

BIBLIOGRAFIA

A Escarpa (Tragedia moderna em 4 espisodios) por *Almachio Dinis* — **Esboços literarios** por *Adherbal de Carvalho.*

Seria muito grato ao meu espirito referir-me desenvolvidamente ás obras de tão ilustres escritôres brazileiros, o primeiro dos quaes eu admiro ha bastante tempo, pois a sua obra é já grande e o seu nome muito conhecido e considerado entre nós, portugueses, que amamos com especial amor, todas as dádivas espirituaes que o Brazil nos envia.

O segundo pertence aos novos que principiam e representam, sobre tudo, a esperança, entre os quaes tambem se destaca uma bela figura de poeta que é Carlos Maul. A eles pertence acrescentar alguma cousa de novo ao muito que as outras gerações fizeram n'essa grande Nação amiga e irmã. E A. de Carvalho, no seu primeiro livro, revela, na verdade, possuir as mais delicadas qualidades de critico. Sabe pôr o dêdo onde está a Belêsa, destaca-la da obra tal como foi concebida. E' tambem um artista.

O papel do critico aproxima-se imenso do papel do actor dramatico. Ambos necessitam do poder de reencarnar os pensamentos e os sentimentos alheios, de viver a obra criticada ou representada. Eis porque o dom da simpatia é a qualidade primordial do critico. Sem simpatia não pode haver creação artistica ou de qualquer naturêsa.

O verdadeiro critico é tambem um artista.

Os outros são herejes que profanam a Belêsa, e, por isso, o flagelo d'esta Divindade.

Quanto á tragedia de Almachio Dinis, é a obra d'um poeta e d'um filosofo. Os seus personagens são creaturas que sentem e pensam, o que é dificil encontrar no palco do mundo, quanto mais no palco d'um teatro!

Alminio, essa dolorosa e enigmatica figura de halucinado, povoou o mundo com as suas visões terrificas, e d'elas foge, por fim, precipitando-se d'um alto despenhadeiro, sob a luz das estrelas que são sorrisos de indiferença que a noite tem para a dôr humana.

Não é esta figura profundamente tragica? Que é o homem senão uma forma corporea e sensivel, devorada por esse Phantasma que é o seu espirito?

Nós deitamos ao mundo os nossos sonhos que se transformam em lobos carniceiros.

E o Mêdo, o mêdo sublime, pae de Divindades, vem separar o homem do seu espirito. Ah, como D. Quixote, ao regressar, emfim, ao patrio lar, por aquele cair de tarde de lusitana tristesa, tenta voltar as costas á sua divina Loucura, fugir d'ela que só o abandona para que a Morte fique em seu lugar!

E *Hero,* outro personagem tão interessante da tragedia, que dirige o seu belo cantico ao sol, simbolo do seu Deus naturalista, e discute com *Frei-Armando,* impondo ás frias sombras sepulcraes do Catolicismo a claridade eternamente creadora de Apolo? E *Suzana,* a mulher, o coração feminino a derramar-se em lagrimas de amor?

Estas figuras e outras ainda, revelam as faculdades tragicas de Almachio Dinis.

Realmente a nova geração brazileira tem homens de grande valor. Os portugueses nunca deixarão de prestar as mais fervorosas homenagens aos seus irmãos ilustres d'além do Atlantico.

Teixeira de Pascoaes

OUTRAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

—

"Questões de ensino„ — Alfredo Coelho de Magalhães.

"Dôr-Amôr„ — Pinto Ferreira.

FIM DO II VOLUME

ÍNDICE DA COLABORAÇÃO

LITERATURA

Meus olhos dolorosos . . . 1
A Nossa Senhora 2
Colar de astros. 2
Carta 4
A Vila-Feia 6
Ternura de Chacal 9
Versos da Aleluia. 10
Amor de Mulher 11
Eça de Queiroz 32
Bibliografia . . . 36, 72, 112, 184 e 216
Aguas religiosas 37
Canção das andorinhas. . . 39
Tentação 40
Mulheres de Camilo. . . . 42
Maria Peregrina 45
O Valor da Vida. 46
Lua Nova 50
Sempre Moça 51
Minha vontade. 51
A educação dos povos peninsulares 52
Mágua religiosa 49
Soneto. 58
Elegia da Alma 59
Os Covas. 65
Arco-Iris 70
A «Renascença Portuguesa» e o ensino da História Pátria. 73
Cartas inéditas de Camilo Castelo Branco . . . . 80, 124 e 187
Romarias. 81
Mocidade. 85
A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico — 86, 153 e 188
Canto primaveril 95
Carta a A... 97
Duas paginas do livro das Saudades 98
Nota sobre os vocabulos *treinar, deporte* e *despôrto* . . 104
O Saudosismo e a Renascença. 113
Ausente 115
Medalhas. 116
O Calvário da Tarde . . . 117
Da «Renascença Portuguesa» e seus intuitos 118
A Primeira Nau 125
Cartas de Pinheiro Chagas — 134 e 164
Amores 135
Bênção de Deus 157
Uma carta de Fialho . . . 158
Cintra 159
Versos para meu Filho. . . 165
O Duelo do Louco 166
Sobre o túmulo de uma mãe. 170
O pedreiro cantador. . . . 171
Deante do Mar. 174
Destino . . . . 176 e 201
Ainda o Saudosismo e a «Renascença 185
A prosa de Camilo. (Escerto). 193
Diálogo 194
A casa antiga 198
Á Esperança 207

ARTE

Um pintor de aguarelas . . 17
O Salão dos Humoristas . . 19

ILUSTRAÇÕES

Flores 10-A
Estudos. . . . 18-A, 132-A e 160-A
Depois da Ceia 26-A
Tronco de Castanheiro . . . 44-A
Estudos de creanças 54-A
Pé de Carvalho 64-A
Vagabundo 80-A
Caminheiro 92-A
Uma das *maquettes* para a estátua de Camões 104-A
Engenho de moer casca de carvalho 120-A
O Tango 144-A
Silêncio 168-A
Mármore 176-A
Maquette da estátua a Camilo 192-A, 200-A. 280-A
Vinhetas — 19, 26, 42, 45, 50, 62, 142, 152, 175, 181, 206 e 215

SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

O Paleolítico em Portugal . 27
Phitographia Selectior . . . 60
O ensino secundário da Matemática 63
O mal e o erro 106
Santelmo 139
A Capela do Castro da Senhora da Alegria (Almalaguer). . 108
O aeroplano perante a sciência. 143
Nota sôbre o «Juncus echinuloides» Brot. 182
Nova teoria do sacrifício . . 210

ÍNDICE DOS AUTORES

A. A. Cortesão – 104, 139.
Afonso Duarte – 50.
Afonso Mota Guedes – 58.
Antero de Figueiredo – 42, 193.
António Carneiro – 54-A, 168-A.
António Cobeira – 59.
António Correia de Oliveira – 81.
António Costa – 10-A.
António Nobre—2, 3, 4, 5, 40.
Armando de Basto – 144-A.
A. Rocha Peixoto – 51.
Augusto Casimiro – 10, 46, 125, 165.
Augusto Martins – 63.
Augusto Santa Rita – 49.
Camilo Castelo Branco – 80, 124, 187.
Candida Aires de Magalhães – 85, 198.
Carlos Correia Paraiso – 143.
Carlos Malheiro Dias – 11.
Carlos Maul – 95, 174, 207.
Carlos de Oliveira – 39, 117, 157.
Carlos Parreira – 17.
Cervantes de Haro – 44-A, 45, 50, 62, 64-A, 120-A, 142, 152, 175, 181, 206, 215.
Correia Dias – Capa.
Costa Macedo – 65.
Cristiano de Carvalho – 42, 80-A.
Cristiano Cruz – 19, 26.
Cruz Andrade – 135.
Domingos Sequeira – 132-A.
Emílio de Menezes – 170.
Ernesto do Canto – 26-A.
Fernandes de Sá – 92-A, 104-A.
Fernando Pessôa – 86, 153, 188.
Fialho de Almeida – 158.
Gonçalo Sampaio – 60, 182.
Jaime Cortesão – 73, 118, 171.
José Teixeira Rego – 210.
Leonardo Coimbra – 37, 106, 166.
Manuel Laranjeira – 97.
Margarida Costa – 18-A.
Mário Beirão – 45, 115, 159.
Mateus de Albuquerque – 32.
Pinheiro Chagas – 134, 164.
Pinto da Rocha – 70.
Ribera y Rovira – 52.
Soares dos Reis – 160-A.
Teixeira Lopes – 176-A, 192-A, 200-A, 208-A.
Teixeira de Pascoaes – 1, 112, 113, 185, 216.
Teófilo Braga – 9.
Veiga Simões – 19, 98, 194.
Vila Moura – 6, 116, 176, 201.
Virgílio Correia – 27, 108.